

O Estudante Convênio: a experiência sócio-cultural de universitários da África Lusófona em São Paulo, Brasil¹

Carlos Subuhana (Universidade de São Paulo/USP e Casa das Áfricas)

Resumo:

O projeto de pesquisa que resultou na elaboração do relatório final no Programa de Pós-doutorado em Antropologia da Universidade de São Paulo – USP teve como objetivo investigar a experiência social e cultural de estudantes universitários oriundos de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) – através dos programas PEC-G e PEC-PG do governo brasileiro, localizados em São Paulo. Esta população, com “visto temporário IV” formam uma rede de relações ampliada, a qual acolhe também indivíduos de outras nacionalidades, possibilitando não apenas a vivência face a face como também a interação através de redes virtuais. Cabe destacar que o aspecto fundamental no presente caso é a existência de um projeto de retorno para os países de origem, que em alguns casos pode até não se concretizar. Os dados coletados foram prioritariamente: i) avaliação dos estudantes acerca dos programas *PEC-G* e *PEC-PG*; ii) projetos de vida e a escolha do Brasil; iii) sociabilidade e redes sociais; iv) atitudes de preconceito e discriminação; e, por último, v) a expectativa do retorno (ou seja, como esses acadêmicos pensam aplicar os conhecimentos adquiridos no Brasil a realidade dos países de origem). O material foi coletado através de entrevistas (por meio de questões abertas e fechadas) com estudantes de universidades públicas e privadas durante os anos de 2006 e 2007. O nosso objetivo não deixa de estar relacionado a trabalhos de outros especialistas em Ciências Sociais e Humanas, que abordam questões relativas a estudos de etnologia urbana. A pesquisa vai nesta mesma direção, sendo que no presente caso constitui um desafio para o próprio pesquisador o fato de ser, ao mesmo tempo, observador e parte integrante do objeto de estudo.

Palavras-chave: relações internacionais, recursos humano e e/imigração

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

Introdução

Nessa introdução apresentamos os referenciais teóricos e analíticos, a metodologia e a bibliografia que orientaram a pesquisa para a redação do relatório final no Programa de Pós-doutorado em Antropologia da Universidade de São Paulo - USP. Além da justificativa, apresentamos também as hipóteses e o método que foi utilizado na coleta do material, bem como a forma de análise dos resultados.

A hipótese que foi desenvolvida durante a pesquisa para a elaboração do relatório enfoca a presença de estudantes provenientes de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (*PALOP*)² em universidades e instituições de formação profissional – públicas e particulares - de São Paulo. Ampliamos, assim, um universo de pesquisa iniciado no Rio de Janeiro e que teve como primeiro resultado a tese de doutorado (Subuhana, 2005). No Rio de Janeiro o trabalho ateu-se a estudantes de nacionalidade moçambicana. Tratou-se, portanto, de um segmento nacional dentre as nacionalidades que compõem o conjunto de estudantes africanos naquele Estado brasileiro. No caso do estudo de São Paulo, considera-se o conjunto de nacionalidades componentes dos PALOP – Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, sendo esse universo uma ampliação da questão tratada no Rio de Janeiro, fato que considera ainda, a especificidade de outra região. Em segundo lugar, a ampliação do universo corresponde também, a uma abordagem mais complexa, não só pela questão das diversas nacionalidades, mas também pela diversidade de origens sociais e étnicas desse universo, que com suas histórias singulares podem revelar novos ângulos das questões já postas pelo primeiro estudo. Um terceiro ponto é que, nesse novo contexto, houve a expectativa de que o emergir dados novos e significativos pudesse permitir descobertas significativas para se pensar os deslocamentos com finalidade de estudo entre África e Brasil e, ainda, proporcionar uma reflexão mais teórica do sentido desses fluxos.

Vale comunicar que aqui a proposta foi investigar a experiência social e cultural dessa população que está no Estado de São Paulo principalmente fazendo seus estudos

² *PALOP* é o acrônimo de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Ou seja, as antigas colônias de Portugal em África, possuindo cada um deles diferentes características geográficas, econômicas e demográficas. Nestes países a língua portuguesa é o elemento interno de ligação entre as respectivas populações e de projeção no exterior.

universitários, em nível de graduação ou pós-graduação, comumente portadores do “visto temporário tipo IV”. Ao restringir o nosso universo de pesquisa não estamos querendo afirmar que as questões que esses estudantes se colocam sejam apenas inerentes a seu grupo, ao contrário, elas também se fazem presentes em outros universos sociais, basicamente em outras situações de dinâmicas populacionais e/ou migratórias, como as estudadas por Leandro (2004), Petrus (2001), Sayad (1998), Subuhana (2005) entre outros. Segundo os ensinamentos de Elias e Scotson (2000), o uso de uma pequena unidade social como foco de investigação de problemas igualmente encontráveis numa grande variedade de unidades sociais, maiores e mais diferenciadas, possibilita a exploração desses problemas com uma minúcia considerável – “microscopicamente, por assim dizer”. Esses teóricos afirmam que “pode-se construir um modelo explicativo, em pequena escala, da configuração que se acredita ser universal [...]” (Elias & Scotson, 2000:20).

É difícil fornecer dados quantitativos que caracterizem essa população. Existe imensa dificuldade de obter dados efetivos desse contingente como mostram inúmeros trabalhos feitos com o tema, do qual cito o de Edilma Desidério (2006), que em sendo funcionária do IBGE, fala da incerteza dos dados nessa fonte e outras como a Polícia Federal. Lembro ainda, que os sistemas de registros das universidades brasileiras quanto à origem desses estudantes são irregulares e falhos, o que impossibilita saber quantos são de fato. Os dados que dispomos aponta para a faixa etária dessa população que varia de 18 a 44 anos, havendo um ligeiro equilíbrio entre o número de homens e mulheres.

São poucas as famílias constituídas de marido, mulher e filhos. Durante as entrevistas identificamos quatro casais, a saber: um casal de caboverdianos, um casal de moçambicanos, um casal constituído por uma caboverdiana e um Russo, um casal constituído por uma guineense e um brasileiro, e um casal constituído de moçambicano e brasileira.

Os estudos desses universitários são financiados por seus próprios pais e parentes³, Organizações Não-governamentais (*ONG's*)⁴, pelos Governos de dos países

³ Como mostraremos posteriormente, os pais e parentes têm como obrigação assinar um termo de compromisso no qual afirmam estarem em condições de custear os estudos de seu filho e/ou parente, sendo que o valor mínimo exigido é de 300/500\$00 (quinhentos dólares americanos) mensais.

⁴ The Ford Foundation, Banco Mundial, *FNUAP*, entre outras.

de origem (via ministérios), pelo Governo Brasileiro (*CAPES/MEC*, *CNPQ*), bem como por empréstimos bancários.

Em razão de serem contingentes relativamente pequenos e de difícil acesso, mesmo para outro africano, quantificá-los pode conduzir a resultados pouco expressivos. Assim, de modo muito geral e, somente com relação aos efetivamente entrevistados, pode-se afirmar que em termos de origens sociais, os pais e parentes desses estudantes são, em sua maioria, membros de altos escalões do governo (como ministros e governadores, por exemplo), empresários, funcionários dos setores público, privado e de *ONG's*, ou seja, de famílias de alto *status* sócio-econômico e político. Os poucos filhos de camponeses ou de funcionários que auferem salários baixos conseguem entrar no Brasil para prosseguirem com seus estudos universitários através de bolsas de estudos, basicamente em nível de pós-graduação (mestrado e doutoramento).

Essa população, entrevistada por nós, se identifica a partir de classificações distintas que se referem a distinções étnico-raciais e lingüísticas que podem ou não se cruzar - como negros, mestiços, indianos, mulatos e brancos; fulas, macuas, umbundus e rongas -; são bilíngües e/ou multilingües, ou seja, falam português, emakhwa, ciyao, bitonga, crioulo, kikongo, inglês e francês, entre outras línguas.

Os setores de ensino nos cinco países estão em processo de grande expansão e também de inovação. Mesmo assim, é fato que um número ínfimo alcança o nível universitário que, se cresceu nos últimos anos com a criação de instituições privadas de ensino que se estabeleceram também fora das capitais (especialmente nas cidades de Corimba/Angola, Mindelo/Cabo Verde e Nampula/Moçambique), ainda atendem diminuto número de cidadãos, ou seja, os estudantes universitários representam um segmento microscópico em relação ao total da população, não atingindo 1%. O perfil comum que caracteriza as instituições de ensino superior e pesquisa dos PALOP é: i) dificuldade de acesso a recursos; e, ii) elevada dependência de doações externas para o ensino e, particularmente, para a pesquisa. Hoje os cinco países contam com cinquenta e

cinco (55) IES e estão assim distribuídas: Angola (16)⁵, Cabo Verde (8); Guiné Bissau (3), Moçambique (25)⁶, e São Tomé e Príncipe (3).

Já que o número de potenciais candidatos ao ensino superior não para de crescer e as universidades nacionais – sobretudo as universidades públicas, não conseguem absorver essa demanda, hoje a opção de alguns pais e familiares tem sido enviar seus filhos para realizarem seus estudos universitários no exterior, em especial para Portugal, África do Sul e Brasil. Ao que consta, a primeira geração de estudantes dos PALOP a e/imigrar para o exterior a fim de prosseguir com seus estudos universitários ocorreu nos meados da década de 1950 através das missões (Igrejas) Protestantes, num primeiro momento para África do Sul e para outras colônias inglesas, e depois para Portugal, França, Suíça, RDA, EUA e Inglaterra, entre outros. Dessa primeira geração⁷, que manteve contato com a esquerda europeia através do Partido Comunista Francês e com os ideais liberais florescentes nos EUA, surgem as principais lideranças que conduzem os processos de luta interna em nome das independências de seus países.

A principal questão teórica que foi usada para a elaboração do relatório final é a da e/migração (Sayad, 1998), no caso presente, e/imigração temporária. Preferimos usar o termo “imigração temporária” por acreditar que o conceito “imigração” em *strictu sensu* seria definitivo demais, uma vez que esses estudantes entram no Brasil com o “Visto Temporário IV”. É um visto que pode ser renovado e prorrogado anualmente, bem como transformado em Visto Permanente. Migrações temporárias seriam, de acordo com Maria Beatriz Rocha-Trindade, os movimentos migratórios a que correspondem estadias a prior limitadas no tempo, e uma das situações singulares seria a dos estudantes que, em países estrangeiros, visam obter determinadas qualificações, sobretudo em programas de ensino superior graduado e pós-graduado de longa duração (Philip Muus, 1995, p.170).

⁵ Até 1999 tinha uma Univrsidade, a Universidade Agostinho Neto, fundada em 1962.

⁶ A Universidade Eduardo Mondlane, a maior e a mais antiga, fundada em 1962, hoje conta com 12 Faculdades.

⁷ Os nomes das lideranças mais conhecidas e famosas são: Agostinho Neto (Angola), Amílcar Cabral (Cabo Verde e Guiné Bissau), Eduardo Mondlane e Marcelino dos Santos (Moçambique), Miguel Trovoadá (São Tomé e Príncipe), entre outros.

Essa questão é discutida em todo o trabalho. Outros temas, como sociabilidade e redes sociais, a idéia de projeto e trajetória são abordados a partir da questão principal. A base do nosso trabalho consiste em investigar e compreender como esses estudantes experimentam a vivência de sair de seus países; o porquê desta iniciativa; o que acontece quando chegam ao Brasil; o que vêm a se tornar quando chegam aqui; como constroem suas próprias identidades e auto-imagem; como se relacionam nesse novo contexto; e depois, como voltam, o que os faz voltar, quem volta e de que maneira voltam.

O material aqui analisado foi coletado através de entrevistas (com questões fechadas e abertas) com estudantes da África Lusófona que estão fazendo cursos em universidades (públicas⁸ e privadas⁹) de São Paulo. A escolha dos entrevistados foi aleatória. As entrevistas ocorreram nas casas dos interlocutores, em minha casa, em festas, no CRUSP (moradia estudantil), bem como em suas universidades. No total foram realizadas vinte (20) entrevistas¹⁰, ocupando um espaço de cerca de 3.48 GB, o que corresponde a cerca de 26:35 horas. A média é de 35 páginas por entrevista, sendo que a mais longa foi de 54 páginas transcritas. Os cinco países estão assim representados: Angola (4), Cabo Verde (93), Guiné Bissau (5), Moçambique (5), São Tomé e Príncipe (3). Foram contatados representantes de duas associações de estudantes (Angola e Guiné-Bissau) e acessados sites (como o Mozucas¹¹, por exmplo).

Os métodos quantitativo, qualitativo - a observação direta e participante - se fizeram presentes durante a pesquisa. De acordo com Hannerz (1980), a observação urbana participante é um modo eficaz de coligir dados. Através da observação participante “é possível chegar a percepções de comportamento que as pessoas não verbalizam com facilidade e os dados que se obtêm podem se centrar melhor nas relações e em seu contexto do que em indivíduos abstratos” (Ibid., p. 343). Esses métodos nos permitiram escutar, observar e testemunhar o melhor possível o que já havia sido visto e ouvido de meus interlocutores, antes do empreendimento da pesquisa.

⁸ USP e UNESP. Hoje a USP conta com 71 estudantes provenientes dos PALOP. Fonte: Comissão de Cooperação Internacional (CCInt) da USP.

⁹ PUC-SP, Uni-Nove e São Camilo.

¹⁰ Dos 20 entrevistados dois – um caboverdiano e uma angolana – não autorizaram a gravação das falas.

¹¹ www.geocities.com/mozucas (página dos estudantes moçambicanos no Brasil).

Através das bibliotecas da USP e da Casa das Áfricas (SP), encomendei documentos e folhetos em bibliotecas de dentro e fora de São Paulo, que foram indispensáveis na análise dos dados, sendo que o estudo teve como base fontes primárias.

A presença de universitários africanos oriundos de países africanos de fala portuguesa em São Paulo, Brasil, foi analisada à luz das transformações - como o contexto de mudanças e reestruturação econômico-social - pelas quais as sociedades africanas têm passado nas últimas décadas e que vem trazendo um novo diálogo sobre as políticas públicas e educacionais.

Uma das questões que me vem chamando atenção na minha própria experiência e nas conversas tidas com outros estudantes africanos diz respeito aos aspectos que têm motivado pais e familiares a mandarem seus filhos ao Brasil, um país de “desenvolvimento intermediário”, para prosseguirem seus estudos. É necessário perceber a existência de diversas motivações que se escondem por detrás de uma aparente similaridade de projetos e escolhas por parte desses estudantes e de seus familiares. Como bem observou Maria Engrácia Leandro (2004) a elaboração ou re-elaboração de projetos migratórios ou de estudos não estaria desligada da dinâmica social e familiar em situações muito concretas, uma vez que normalmente é na família e em função dela “que se concebem, tomam forma e realidade e se re-elaboram” os projetos de dinâmicas populacionais (Leandro, 2004: 95).

Acordos e Convenções Bilaterais e/ou Multilaterais entre o Brasil e os PALOP

As relações entre a África e o Brasil não se limitam ao tráfico de escravos. Como tem sido assinalado por vários autores, como Aurélio Rocha (1989), por exemplo, “houve troca de influências políticas e culturais”. Tanto assim foi que nenhum fato político no Brasil deixou de se repercutir na África e vice-versa. Neste fluxo comercial, em que o tráfico emergia como nuclear, culturas se interpenetraram. Pode-se assim afirmar que se estabeleceram entre os territórios africanos sob dominação política de Portugal e o Brasil, antes mesmo do século XIX, laços culturais e políticos, que se prolongaram bem para lá da independência política do Brasil. As autoridades

portuguesas chegaram a temer o prolongamento de correntes políticas, de entendimentos e simpatias, entre liberais do Brasil de Angola, Cabo Verde e Moçambique.

Foi no ano de 1974, “já livre do compromisso sentimental com Portugal”, que o Brasil estabeleceu a sua ofensiva diplomática na África, a qual resultou na implantação do “ciclo africano” em julho de 1980 com a viagem do Chanceler Saraiva Guerreiro a cinco países da chamada “área socialista” – Tanzânia, Moçambique, Zimbábue, Zâmbia e Angola -, onde se abriu um “caminho seguro para um comércio privilegiado sob a tutela do Estado” (Castro, op. cit.). De lá para cá o Brasil tem assinado vários acordos diplomáticos com diversos países africanos, incluindo os PALOP, em inúmeras áreas. Hoje os estudantes da “África Lusófona”, tanto os Estudantes-Convênio de Graduação (*PEC-G*) quanto os Estudantes-Convênio de Pós-graduação (*PEC-PG*), entram no Brasil para realizarem seus estudos no âmbito de cooperação em Ciência e Tecnologia (PRÓÁFRICA), acordos esses assinados entre o Brasil e os governos de seus países de origem.

Projetos de vida e a escolha do Brasil

Em termos conceituais a noção de projeto, assim como da sua objetividade e subjetividade, tem recebido pouca atenção por parte dos sociólogos, como bem reconheceu M. E. Leandro (2004). De acordo com Leandro, foram os filósofos, como J.-P. Sartre (1986), M. Merleau-Ponty (1971), E. Husserl, D. Christoss, entre outros que inicialmente se debruçaram sobre esta problemática.

No Brasil são muitos os autores que atualmente se dedicam ao estudo de projeto. Um dos mais renomados é Gilberto Velho (1994) que vê o mundo moderno como palco da valorização do indivíduo, o que possibilitaria a elaboração de projetos individuais que na sociedade tradicional. Na sociedade complexa e moderna a família aparece mais como rede de apoio. Myriam Moraes Lins de Barros (2000) diz que o projeto é pensado em condições sócio-culturais específicas e está ligado aos valores da sociedade. É o aspecto socializado do conhecimento (Schutz, 1974), ou o aspecto público da linguagem (Velho, 1979) que dá ao projeto a possibilidade de existência.

A pesquisa nos indicou que os projetos destes interlocutores estão mais atrelados à família, embora alguns cheguem a afirmar que suas trajetórias e seus projetos de vida sejam individuais. Para muitos desses estudantes, a família constitui o núcleo central e fonte de equilíbrio.

“[...] Não tem como ser individual porque ele não é individual. Para eu vir para cá é meu irmão que morava comigo que era estudante e trabalhador na época, teve que abrir mão de muita coisa, ele já era pai. E, com certeza, ele pode não ter me dito, mas, com certeza ele abriu mão de muita coisa para me ajudar. Quando eu estava aqui, todos eles, na verdade, eles já eram, todos os meus irmãos já eram pais, pais de família e sem muitos recursos. Com certeza eles abriram mão de um monte de coisas para poderem me manter aqui. Então, isso é impagável, não vou pagar nunca. O único jeito de pagar é pensar nesse coletivo, mesmo” (Fausto – Moçambique).

É importante frisar que nas tradições culturais africanas, de origem bantu, a idéia de coletividade é muito presente. Para um bantu, “ser”, é fundamentalmente “estar em relação com os outros” (Tempels, 1965). Com isso não queremos afirmar que em países de economia de mercado, como é o caso dos PALOP, não se faça presente o “individualismo”. Ele existe, mas os resquícios das sociedades simples, que por sua coalizão deram origem às soberanias atuais, acabam prevalecendo nas famílias, sejam elas nucleares ou alargadas. Como diria Elísio Macamo (2005), em África “todos [vivem] num contexto social moderno, mas na base de referências sociais tradicionais. É um contexto extremamente individualista, mas a [...] resposta a essa condição é a família e a comunidade”. Hoje, quando o diploma universitário vem se tornando o principal passaporte de construção do futuro das jovens gerações, as famílias se vêem na obrigação de se mobilizar para ter um doutor no seio da família, o que lhes permitirá aceder ou não a outra posição social. “É sempre bom ser uma referência na família. É muito gratificante [...]” (Sonia – Guiné Bissau).

Eu acho que é o orgulho de ter amanhã alguém com nível universitário. Eu não acredito, eu não acredito que nenhum deles esteja a espera da minha ajuda para melhorar alguma coisa na vida deles. Não acredito, tenho certeza disso. Mas eles [...] estão a espera de algum dia dizer para os amigos deles que têm um irmão que se formou, na universidade X, fora de Moçambique. Já é um privilegio para eles, é um privilegio para mim também” (Fausto - MZ).

Ao escolher um país para prosseguir os estudos, o Brasil acaba apresentando vantagens por causa dos laços de amizade que unem o Brasil com os PALOP com

ênfase em suas especificidades históricas, sociais, econômicas, educacionais e culturais. A língua portuguesa, que é oficial no Brasil e nos PALOP, acaba sendo um dos atrativos para esses estudantes.

“O Brasil foi minha primeira opção por causa da língua portuguesa, que é um facilitador. Já pensei em estudar em Portugal mais pela língua também. Acabei escolhendo o Brasil porque sabia que era um país líder em cursos de jornalismo e comunicação” (Vanda – Cabo Verde).

Vale notar que em termos de custos, sai mais barato mandar um filho para prosseguir seus estudos no Brasil do que na África do Sul, Austrália, *EUA*, Inglaterra e Portugal, por exemplo. O custo de vida do Brasil seria mais baixo que dos países citados. A oportunidade também é apontada como um dos fatores que traz esses estudantes ao Brasil.

Eu fui para África do Sul, mas não gostei, voltei para Angola, estava à espera de uma bolsa para o Canadá depois as coisas começaram a correr mal. Não tive alternativa a não ser o Brasil (Jorge – Angola).

“Na verdade, não foi uma escolha. Em Moçambique a dificuldade de fazer curso superior é muito grande. [Depois] que consegui terminar o ensino secundário, não consegui entrar no ensino superior lá, entrei numa escola técnica de jornalismo em Moçambique” (Fausto – Moçambique).

Muitos são os que escolhem fazer um curso no Brasil sem terem nem sequer uma idéia do que seja esse curso. Outros escolheram o Brasil por influência de amigos ou parentes que aqui moram ou moraram. Uns chegaram a imaginar que o Brasil fosse um “paraíso social”, sinônimo de desenvolvimento e progresso, portanto, de uma vida farta e de oportunidades incomensuráveis para todos, chegando a imaginar que o estilo de vida e o Brasil mostrado nas telenovelas da Rede Globo de Televisão e da Rede Record (Miramar, em Moçambique) era o Brasil real, ou seja, o Brasil que eles haveriam de encontrar. O que mostram nos mídias de comunicação “é uma perfeição” (Sonia – Guiné Bissau).

“Quando eu comecei a ver as novelas brasileiras, principalmente as mais modernas, casas mais modernas e tal, é impossível você não se espelhar naquilo. [...] Esses meios de comunicação acabam influenciando a sua escolha” (Fausto – Moçambique).

Esses estudantes não partem numa situação de total desconhecimento acerca da nova realidade social que os recebe. De fato, há toda uma vasta rede de relações que se vai tecendo e re-atualizando entre os primeiros que partem e os que ficam, que faz com que estes possam elaborar certa constelação de elementos avaliativos em relação à sua provável situação futura. Contudo, agora que conhecem o Brasil, muitos dos nossos interlocutores voltariam para prosseguirem com seus estudos porque o ambiente de estudos encontrado é considerado bom. Cá os professores são “muito legais” e “dispostos a ajudar”. Muitos são os que afirmam que a experiência que estão tendo é mais “gratificante” do que dolorosa e o Brasil oferece um ambiente universitário que incentiva ao crescimento científico.

Sociabilidade e Redes Sociais:

As redes sociais não são um dado natural, antes, são construídas através de estratégias de investimento nas relações sociais, passíveis de serem utilizadas como fontes de benefícios (Bourdieu, 1980). A análise de redes não seria apenas um instrumento de investigação urbana. Ela começou a ganhar importância graças ao interesse antropológico pelas sociedades complexas. (Barnes, 1954; Bott, 1957, Hannerz 1980).

Uma rede social pode ser definida como “um conjunto de unidades sociais e de relações, diretas ou indiretas, entre essas unidades sociais, através de cadeias de dimensão variável” (MERKLÉ, 2004:4). As unidades sociais podem ser indivíduos ou grupos de indivíduos, informais ou formais, como associações, empresas, países. As relações entre os elementos da rede podem ser transações monetárias, troca de bens e serviços, transmissão de informações, podem envolver interações face a face ou não, podem ser permanentes ou episódicas. Do ponto de vista metodológico, a abordagem a partir da teoria das redes permite usufruir de um conjunto de dispositivos solidamente

estruturados e testados. A linguagem, os conceitos, os indicadores, os métodos de recolha e tratamento de dados da *network analysis* constituem um corpo analítico que oferece inúmeras possibilidades heurísticas e grande flexibilidade temática (Knoke & Kuklinski, 1982:13).

Nesse trabalho a questão da sociabilidade e das redes sociais, assim como o seu significado, recebeu uma atenção especial. Partindo de entrevistas procuramos desvendar como os estudantes oriundos dos PALOP formam suas redes de relações, identificando como essas redes se organizam, suas estratégias, desde os países da emigração – no momento do afastamento do ambiente familiar - até o país de imigração (Brasil). Em termos de residência há uma maior concentração dessa população em alojamentos da Universidade de São Paulo (USP). Outros moram em Repúblicas, casas de famílias e em apartamentos alugados. A escolha do lugar de moradia, muitas vezes, está condicionada à proximidade da universidade, facilidade de transporte, valor do aluguel e segurança. Poucos moram sozinhos. Muitos moram com outros estudantes e/ou indivíduos. De acordo com os meus interlocutores, existe uma diferença entre morar com compatriotas e com pessoas de outras nacionalidades. Entre estudantes oriundos do mesmo país existiria uma compatibilidade nos hábitos. Mesmo assim, nem todos vêm a experiência de morar com pessoas de outras nacionalidades como uma experiência negativa, pois há uma troca de elementos culturais.

“Moro com três brasileiros. Tem um mineiro, outro de Pernambuco, e o outro é daqui de São Paulo mesmo. Somos quatro. Quando eu vim morar aqui no CRUSP eu até fiz questão de não morar com nenhum moçambicano. Isso pode ser muito mal interpretado, mas a minha intenção era justamente essa. Eu queria mergulhar, estar nesse meio. Eu queria que fosse um ambiente em que eu aprendesse muito mais com os outros.” (Nerito - Moçambique).

“Moro com dois brasileiros. É diferente de morar com pessoas do seu país. Com pessoas do seu país você fala a sua língua, está mais em casa. Você tem mais vontade, por exemplo, de fazer uma comidinha do seu país toda a semana. Mas se você está morando com pessoas de outro país, você faz a comida, mas nem sabe se eles gostam. Você coloca uma música de Cabo Verde, mas eles nem prestam atenção. Quando passa uma notícia sobre Cabo Verde eles nem se interessam. O lado bom de morar com pessoas de outras nacionalidades é aprender sobre a cultura do outro, aprender sobre o outro, o país do outro” (Maura – Cabo Verde).

De uma maneira geral, estes estudantes, quando procuram suas parceiras ou seus parceiros para ficar¹², namorar ou casar não dão muita importância aos fatores raça, religião ou origem sócio-econômica e sim à “compatibilidade”. Os namoros são mais comuns entre os homens com as brasileiras. Preferem as brasileiras. As principais motivações por mim identificadas entre os meus interlocutores seriam a receptividade, a simpatia e a beleza da mulher brasileira.

“É engraçado que se vou numa festa dos PALOP, se estiverem lá brasileiros, tenho muito mais facilidade de conversar com uma menina brasileira do que com uma menina dos PALOP. Isso é incrível. A gente é muito conservadora. A gente é muito fechada. O tempo que você leva para ganhar uma confiança [...] de uma menina africana, moçambicana, angolana, e o tempo que você leva para ganhar confiança de uma menina brasileira na mesma festa é absolutamente diferenciado. Se [as africanas] ficam naquela reticência ainda, se nega ou vai, você vai numa brasileira. Ela é super aberta para conversar [...]” (Ivan - Angola)”

Entre os nossos interlocutores, os caboverdianos são os que mais namoram entre si.

“Eu acho que os caboverdianos namoram mais com gente de Cabo Verde. Não sei porque convivem mais do que com pessoas de outros países. Você acha aqueles que namoram com brasileiros, guineenses angolanos, mas eu acho que fica tudo em casa. A relação acontece. Já namorei com caboverdiano e brasileiro, mas eu prefiro namorar com caboverdiano. Os brasileiros não levam a relação a sério, os guineenses e os angolanos também. Os moçambicanos eu não sei” (Vanda – Cabo Verde).

As mulheres evitam se envolver com homens brasileiros por acharem que “os homens brasileiros não levam a relação a sério” (Vanda). Mas também há aquelas que não descartam a possibilidade de namorarem brasileiros. Em meados de 2007, por exemplo, uma guineense contraiu matrimônio com um brasileiro (gaúcho). Situação semelhante foi observada em pesquisas similares (Subuhana, 2005; Belhadj, 2000).

¹² Ficar: Namorar sem compromisso, durante um curto espaço de tempo, às vezes por uma noite. Cf. AURÉLIO: Novo Aurélio. O dicionário da língua portuguesa, 2000.

Marnia Belhadj (2000), em seu estudo sobre as filhas de pais magrebinos,¹³ descobre que as escolhas matrimoniais, basicamente para o caso das mulheres, não passavam de um ajuste entre aspirações pessoais e expectativas familiares. Isso se daria porque haveria uma vontade de preservar os laços familiares e de manter a coesão da família. Lá, a escolha do cônjuge resultaria, segundo a autora, de um ajuste entre suas próprias aspirações e as experiências familiares. Se de um lado a tal escolha era percebida como estritamente pessoal, do outro “ela é ainda tributária de certas condições impostas pelos pais, como o fato de que o futuro cônjuge deve pertencer à população muçulmana e *magrebina*”¹⁴ Contudo a autora reconhece que hoje, mesmo nas sociedades modernas, a escolha do cônjuge continua a obedecer, de maneira consciente ou inconsciente, a certos tipos de determinismos sociais, culturais e religiosos que contribuem para reduzir a liberdade individual. Tais normas, segundo M. Belhadj, obrigaria essas jovens, com frequência, a desenvolverem estratégias visando a conciliar as próprias aspirações com as de sua família (M. Belhadj, 2000: 68).

As Festas

Falar de festas é falar de identidade. Ela nos revela com quem essa população anda e nos mostra como é que essa geração preserva as tradições dos países de origem. Como referiu Elísio Macamo (1998), as nações africanas são tanto tradicionais quanto modernas. Nessas festas é na comida, nos pratos típicos, como *mukapata* (Moçambique), *cachupa* (Cabo Verde), por exemplo, que essa geração deixa transparecer a preservação das tradições africanas: “na roupa e na música não tanto”. Como disse um dos meus entrevistados, “o que identifica mais o moçambicano é a comida” (Fausto – Moçambique).

¹³ Na França, os países do norte da África (Argélia, Tunísia e Marrocos) são denominados de *Maghreb*. Daí o adjetivo *maghrébin*, em português *magrebino*.

¹⁴ Segundo a autora, o casamento dos homens muçulmanos com uma mulher não-muçulmana é, em geral, mais aceito e mais bem tolerado, na medida em que ela não acarreta as mesmas consequências e que se considera que os homens têm maior poder que as mulheres no sentido de propiciar a conversão do outro cônjuge.

“Os moçambicanos que eu conheço, pelo menos a maioria deles, são muito de *hip-hop*, *rap*, e aquelas baladas só de estilo do negro norte-americano. O que identifica mais o moçambicano é a comida. Se eu sair para ir curtir um samba com um amigo e tal, não sei o que, eu vou gostar, mas se o Euclides, que é moçambicano, me chamar e disser, ‘vem aqui na minha casa, a gente está comendo um carril de amendoim’, vai ser uma sensação muito diferente. Vai ser boa, do mesmo jeito, mas a sensação, eu acho que o que mais me identifica como moçambicano está no convívio com o moçambicano. Acho que está no convívio em que predomine a cultura moçambicana” (Fausto - Moçambique).

O que identifica mais o caboverdiano e o guineense é o crioulo.

“O que identifica mais o caboverdiano é o crioulo, tal como os guineenses. Porque música, você escuta várias músicas, mas o crioulo não tem igual. Até a comida você acha alguma coisa parecida aqui, mas o crioulo é o crioulo. Por exemplo, se você passa muito tempo com brasileiro e depois encontra um crioulo você começa a falar em português com a pessoa, e depois os dois vão se entrosando, mas depois [...], é maravilhoso” (Vanda – Cabo Verde).

As festas organizadas anualmente para a comemoração das independências de seus países de origem, para além de serem “momentos de descontração”, servem também para reunir essa população. Nelas, o estar perante os compatriotas e amigos não deixa de ser uma forma de superar a saudade.

“Eu convivo bem com outros PALOP. Quando a gente se encontra nas festas, a gente lá aprende o semba, eles têm uma paciência para ensinar, né? É muito legal. Você se sente com os seus irmãos. Por exemplo, a gente está aqui, não tinha a minha contrterrânea, era só eu, e sempre que tinha alguma coisa corria para eles me ajudarem, a gente conversa. Eu me sinto mais em casa estando com os PALOP” (Vanda – Cabo Verde).

Nessas festas, estes estudantes também reconstroem suas memórias individuais, que se conjugam com a memória oficial – daí a presença das bandeiras e dos Hinos Nacionais. As lembranças não se limitam às suas trajetórias individuais nem à vida familiar; seus relatos falam de acontecimentos políticos e sociais.

São Associações de Estudantes (Angola, Cabo Verde e Guiné Bissau) que organizam os eventos para a celebração de datas festivas. Para além de serem agentes de difusão de informações, são os membros dessas Associações que acolhem os recém-chegados.

Entretanto, o desenrolar da pesquisa nos fez crer que não só existe uma circularidade nos projetos desses estudantes, como também se manifesta a vontade de preservar a herança cultural, através da manutenção de hábitos culinários e estéticos e da celebração de festas em comemoração as independências de seus países de origem, assim como por uma identificação com compatriotas, com os africanos, com os *PALOPs*, *CPLPs* e com os de outras nacionalidades e comunidades regionais ou trans-fronteiriças.

Mozucas: uma rede virtual

Além dos contatos face-a-face, há interações nas redes virtuais. O Muzucas¹⁵ - site¹⁶ e comunidade¹⁷ - foi criado em 2001 com o princípio de encurtar as distâncias entre os estudantes e residentes moçambicanos no Brasil. Tem como principal objetivo facilitar o convívio e a troca de idéias entre os mesmos sem qualquer tipo de formalidades. Decidimos incluir o Mozucas nesse trabalho por acreditar que ele nos revela como os moçambicanos que estudam no Rio de Janeiro têm suas redes de relações com outros moçambicanos que também moram no Brasil, com os amigos em Moçambique, com os amigos brasileiros e demais contactos em outros cantos do mundo. Entretanto, estes estudantes formam uma rede de relações ampliada, a qual acolhe também indivíduos de outras nacionalidades, possibilitando não apenas a vivência de contatos face a face como também a interação através de redes virtuais.

¹⁵ MOZUCAS = Mozes + brazucas.

¹⁶ www.geocities.com/mozucas

¹⁷ <http://groups.yahoo.com/group/mozucas>

Atitudes de Preconceito Discriminação

O “preconceito de cor” e/ou “preconceito racial” é apontado como a principal causa do mal-estar de um número considerável desses estrangeiros, nossos interlocutores, em terras brasileiras. Há que reconhecer que os brancos, alguns mestiços e poucos negros afirmam que não se sentem discriminados por causa do “tom de pele”.

Vale notar que mesmo entre os negros há aqueles que afirmam ter mais facilidade de detectar que estão sendo discriminados em relação aos outros. Talvez sejam vítima de “discriminação sofisticada” (Santos, 2002:36). Segundo Hélio Santos muitas das vezes, quando a pessoa está sendo vítima de “discriminação sofisticada” raramente consegue se aperceber. Esse tipo de discriminação, difícil de captar, seria o mesmo que sofre a classe média negra brasileira. O que notamos em quase todas as entrevistas é o reconhecimento de que o ser universitário e estrangeiro atenua a experiência negativa que representa descobrir-se em desvantagem social pela simples pigmentação da pele. Todavia muitos são os que dizem ter passado por situações constrangedoras pelo fato de terem uma tonalidade de pele escura (negros). São vários os ambientes sociais - como em prédios residenciais, ônibus, supermercados, restaurantes, em festas, dentro da universidade, entre outros - que obrigam esses estudantes a refletirem sobre a sua condição de “preto”.

“Especificamente diria que [foi] num restaurante. Na época namorava uma menina branca. A gente entrou para comer num restaurante, e a única possibilidade que o garçom achou, ‘o cara ali entrar naquele restaurante, era negro que tinha que ser estrangeiro’. Ele já veio me atender falando inglês. Aí olhei para ele e disse, mas eu falo português, podes falar português comigo. Levou aquele baita susto e eu falei para ele: ‘eu entendo’. Você, provavelmente, por eu ser negro você achou [...]. Era um garçom negro. Com a mesma menina passei por uma outra situação. Era bem tarde da noite, a gente estava caminhando a procura de algum táxi, a gente foi parado por policiais, e com arma mesmo, eles nos apontaram com a arma, “mãos para o ar”. A gente ficou naquele pânico e tudo, fomos revistados, apontaram arma na nossa cara, pediram documentos [...]. Mas aí, nos documentos tinha a carteirinha da USP [...]. Na hora que ele viu a carteirinha pensou ‘é universitário,[...] universitário da USP’ e [disse], ‘podem ir’. Eu falei que ‘não, você nos apontou arma, fez o maior estralhão aqui e não vai explicar por que?’. Ele falou para mim, ‘você já tem a sorte de estar vivo. Então, toma cuidado. Você não está em condições de me fazer pergunta nenhuma’.

Automaticamente fiquei com medo. É a sua vida que está em jogo. É revoltante, é muito revoltante” (Fausto - Moçambique).

A Expectativa do Retorno

O retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes. É o elemento constitutivo da condição do imaginário do imigrante (SAYAD, 2000).

Para além do compromisso diplomático assumido, que é de “retornar a seu país de origem em período não superior a três meses” (Protocolo, seção X, Cláusula 23) após o término dos estudos, quase todos manifestam o interesse de regressar para contribuir para o progresso de seus países, trabalhando ou dando aulas, e formar família.

Eis o comentário de um dos entrevistados: “Terminando os meus estudos eu vou direto para Angola. Sou uma pessoa bem família, quero ficar com os meus familiares. Se for para fazer sucesso faço lá mesmo” (Jorge – Angola).

Os nossos interlocutores imaginam poder dar o máximo de si e esperam ter um “enquadramento” que lhes facilite “transmitir” os conhecimentos adquiridos no Brasil. Mas há aqueles que reconhecem que nem tudo será maravilhoso e têm suas reservas, pois hoje em dia o mercado moçambicano tornou-se muito competitivo. De uma maneira geral esperam aplicar os conhecimentos adquiridos no Brasil nas realidades de seus países, dando aulas, se envolvendo em organismos governamentais e não-governamentais ou criando seus próprios negócios.

Eu estou pensando em fazer uma Pós-graduação. Na verdade, eu queria terminar e voltar no dia seguinte, mas, na verdade, agora que o curso está para terminar fica aquele aperto: “Como é que vai ser lá. E o trabalho, será que vou conseguir? Será que se eu consigo uma Pós-graduação aqui, será que eu faço? Será que eu consigo uma bolsa?” Não tem como falar “eu vou voltar de imediato” (Vanda – Cabo Verde).

Conclusão

O projeto de pesquisa teve como objetivo investigar a experiência sócio-cultural de universitários da África Lusófona em São Paulo, Brasil. A pesquisa mostrou que os projetos de vida de muitos desses estudantes estão atrelados à família, embora alguns cheguem a afirmar que suas trajetórias e seus projetos de vida sejam individuais. Existe uma circularidade e uma dimensão cultural nesses projetos, e a família é central em muitas culturas africanas. A Tia de uma das entrevistadas, por exemplo, penhorou uma casa para que a sobrinha pudesse conseguir a vaga.

As telenovelas – um dos principais artigos de exportação do Brasil – estão entre os fatores que contribuem para que esta população queira cruzar o Atlântico para fazer estudos de graduação e pós-graduação no Brasil. Dificuldades naturais de adaptação fazem parte dos relatos dos estudantes por nós entrevistados, e a questão financeira está entre as dificuldades mais citadas. Alguns vêm de famílias que pertencem às elites econômicas ou políticas de seus países, enquanto outros não têm recursos e dependem de bolsas. Os estrangeiros precisam renovar o visto e obter uma nova carteira de identidade (Registro Nacional de Estrangeiros - RNE) anualmente na Polícia Federal, e pagam taxas para os dois documentos. Como são estudantes, não podem ter emprego, apenas estágios – nem sempre fáceis de obter.

Acreditamos que os alunos africanos podem ajudar a esclarecer os brasileiros sobre a realidade africana. Muita das vezes a imagem veiculada na mídia brasileira sobre o continente africano e os africanos é negativa, e isso faz com que muitas pessoas achem que África é um país só.

Alguns dos fatores positivos citados pelos estudantes são a facilidade com a língua, o custo de vida baixo em comparação com outros países, a valorização da formação universitária no Brasil e a integração e amizade com os brasileiros. Entre os nossos interlocutores há uma estudante da Guiné-Bissau que se casou com um brasileiro, e um moçambicano contraiu matrimônio com uma brasileira.

Como poucos têm recursos para visitar a família nas férias, a saudade é driblada com e-mails, cartas, telefonemas e torpedos via celular.

Bibliografia

- CASTRO, T. **África**: geohistória, geopolítica e relações internacionais. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.
- CAPELA, J. & MEDEIROS, E. **O Tráfico de escravos de Moçambique para as ilhas do Índico, 1720/1902**. Maputo: NEUEM, 1987, 128 p.
- DISIDÉRIO, E. J. **Migração Internacional com fins de Estudos**: O caso dos africanos do Programa Estudante-Convênio de Graduação em três universidades públicas no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado) – ENCE/IBGE, Rio de Janeiro, 2006.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, 224 p.
- HANNERZ, U. *Exploring the City: Toward an urban anthropology*. New York: Columbia University Press, 1980.
- KNOK, D & KUKLINSKI, J. H. **Network Analysis**. London: Sag, 1982.
- LEANDRO, M. E. “Dinâmica social e familiar dos projetos migratórios: uma perspectiva em análise”. In: **Análise Social** (Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.), 170, vol. XXXIX, abril e junho de 2004, p. 95-118.
- MERCKLÉ, P. *Sociologie des réseaux sociaux*. Paris: La Découverte, 2004.
- PETRUS, M. R. **Emigrar de Angola e imigrar no Brasil**: jovens imigrantes angolanos no Rio de Janeiro: histórias(s), trajetórias e redes sociais. 2001. Dissertação (Mestrado) – IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.
- SANTOS, Hélio. “Negro não é problema, é solução” [entrevista]. In: **Caros Amigos**, ano VI, nº 69. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2002. p. 31-37.
- SANTOS, Milton. **O país distorcido**: o Brasil, a globalização e a cidadania. Organização, apresentação e notas de Wagner Costa Ribeiro; ensaio de Carlos Walter Porto Gonçalves. São Paulo: Publifolha, 2002. 221 p.
- SARTRE, J.-P. *Questions de méthode*. Paris: Galimard, 1986.
- SAYAD, A. **A Imigração**: Ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SUBUHANA, C. **Estudar no Brasil**: Imigração temporária de estudantes moçambicanos do Rio de Janeiro. 2005. 210 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – ESS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.
- TEMPELS, P. *La Philosophie Bantoue*. Paris: Présence Africaine, 1965.
- VELHO, G. “Biografia, trajetória e mediação”. In: _____ e KUSCHINIR, Karina, (orgs.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- _____. **Projetos e Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.